

Dr. Steven D. Mathewson,
Pregando Narrativas do Antigo Testamento Sessão 3:
Visão Geral do Processo Exegético [ATOS]:
Analisando os Atos [Enredo]

Aqui é o Dr. Stephen D. Mathewson, em sua série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a terceira sessão, uma visão geral do processo exegético, dos Atos dos Apóstolos e da análise dos Atos ou do Enredo.

Nesta sessão, vamos apresentar o processo exegético, como estudamos uma narrativa do Antigo Testamento, e então vou guiá-los pelo primeiro passo desse processo.

O cume do Long's Peak, no Parque Nacional das Montanhas Rochosas, no Colorado, eleva-se a 4.347 metros acima do nível do mar, e alcançá-lo exige uma caminhada de 13 quilômetros desde o início da trilha até o topo, com um ganho de elevação de quase 1.800 metros, e depois é preciso descer. Ambas as partes da jornada, tanto a subida ao topo quanto a descida, têm suas próprias alegrias e seus perigos, e eu sei disso por experiência própria, pois tentei escalar o Long's Peak três vezes e cheguei ao cume duas vezes. A razão pela qual conto isso é porque acho que pregar é semelhante.

Na verdade, a jornada tem duas partes principais. A primeira é a ascensão do texto para uma boa compreensão do conceito. Qual é o impulso ético? Qual é a mensagem que o autor está tentando comunicar? E então você precisa descer a montanha.

Você precisa entregar o que promete às pessoas, e isso significa elaborar um sermão que desvende o significado do texto e o aplique à vida dos ouvintes. Portanto, nesta sessão e nas próximas, trabalharemos para alcançar esse ápice exegético. Discutiremos como ler e estudar uma narrativa do Antigo Testamento porque, como você sabe, as narrativas do Antigo Testamento funcionam de maneira diferente, por exemplo, do livro de Provérbios ou da carta de Paulo aos Romanos, e precisamos fazer essa adaptação.

Agora, antes de abordar alguns pontos que gostaria de destacar, na verdade três, o primeiro deles seria a seleção do texto. Quando você estiver pronto para pregar a partir de uma narrativa do Antigo Testamento, bem, para onde você vai? Qual narrativa você prega? Isso pode ser difícil porque existem muitas opções. Você pode escolher qualquer um dos livros da sua Bíblia em inglês, de Gênesis a Ester.

Alguns deles são principalmente narrativos. É o caso de Gênesis, da primeira metade de Êxodo e, em seguida, do que chamamos de livros históricos, começando com

Josué. Mas mesmo livros que contêm uma quantidade significativa de código de leis ou discurso, como, certamente, a primeira metade de Êxodo é narrativa, mas quando pensamos em Levítico, pensamos: "Ah, isso é apenas código de leis", mas há algumas narrativas em Levítico. Há algumas narrativas maravilhosas em Números.

Penso nos oráculos de Balaão em Números 22 a 24. São narrativos. Há alguns oráculos ali contidos, mas trata-se realmente de um texto narrativo.

Você também encontrará algumas seções narrativas em livros proféticos como Isaías. Isaías 36 a 39 são narrativas, assim como Daniel, que também contém muitas narrativas, e o livro de Jonas. Portanto, se você nunca pregou ou sequer se aventurou na literatura narrativa do Antigo Testamento, dedique algum tempo à leitura desses livros e simplesmente anote as histórias que despertarem seu interesse.

Aliás, uso narrativa e história como sinônimos, e quando digo histórias, acredito que essas narrativas do Antigo Testamento, essas histórias do Antigo Testamento, são relatos históricos, mas ainda são histórias, não é? Então não se deixe confundir. Uma história é uma narrativa. É um relato histórico, mas enfim, leia-as e veja quais despertam seu interesse.

Se você nunca pregou sobre um texto narrativo antes, comece com uma narrativa que tenha significado para você, que você considere importante, mesmo que seja popular. Você pode pensar: "Sim, todo mundo já ouviu a história de Davi e Golias". Sim, já ouviram, mas provavelmente foi na escola dominical e, francamente, algumas das maneiras como a ouviram podem não estar corretas.

Então pode ser familiar. Sabe, Débora e João Luís, aquela história em Juízes 4 é uma das minhas favoritas. Não é tão conhecida.

Ou que tal Elias e os profetas de Baal em 1 Reis 18? Novamente, os ouvintes estão familiarizados com essas histórias, mas não com a mensagem que elas transmitem. Então, sim, escolha uma história. Se você quiser planejar uma série de sermões a partir de um livro narrativo, esse é o próximo desafio que você pode enfrentar.

Sabe, uma série sobre Gênesis ou Samuel faz sentido porque essas histórias, esses livros, são fundamentais para a narrativa bíblica. O desafio é que são livros extensos, então talvez seja melhor começar com uma seção, uma unidade narrativa menor, como o ciclo de histórias de Abraão, de Gênesis 12 a 25, ou os anos de Davi no deserto, de 1 Samuel 16 a 31. O livro de Rute é um excelente ponto de partida para uma narrativa bíblica.

Agora, devo dizer o seguinte: embora seja natural basear a escolha do texto em uma personalidade como Abraão, Davi ou até mesmo Rute, lembre-se de que o autor

pretendia fazer mais do que simplesmente apresentar a vida de Abraão ou de Davi. Na verdade, algumas das histórias mais impactantes de 1 Samuel estão nos primeiros capítulos, creio que nos capítulos 4 a 7, antes mesmo de Davi ser apresentado na narrativa, portanto, não os negligencie. A chave para a seleção é escolher um texto que constitua uma unidade de pensamento bíblica.

E é aqui que a coisa complica, porque se você está acostumado a pregar as epístolas do Novo Testamento, você consegue pregar um parágrafo, não é? Mas quando você chega a uma narrativa do Antigo Testamento, você vai se surpreender. Então, se eu for pregar Colossenses 3:1-11, que tal? É um texto excelente. Na verdade, você poderia pregar de 1 a 4 e depois de 5 a 11; você poderia fazer dois sermões, mas eu prefiro pregar essa unidade inteira.

Que tal Gênesis 38, 1 a 11? Bem, se você fizer isso, tudo o que conseguirá será a seção que introduz a história e, francamente, não sei o que você pregaria, porque a história não terá se resolvido. Portanto, você precisa pensar em termos de, às vezes, pregar um capítulo inteiro, outras vezes, pregar mais do que isso. Sempre que prego sobre 2 Samuel 11, também prego o capítulo 12 junto.

Suponho que você poderia dividi-los em partes, mas a narrativa completa está nos capítulos 11 e 12. Trata-se do pecado de Davi com Bate-Seba e suas consequências. É preciso ler esses capítulos em conjunto para entender toda a história.

O mesmo acontece em Juízes 17 e 18. Esse é um dos meus textos favoritos para pregar, mas você precisa pregar ambos, porque a narrativa vai de 17.1 até o final do capítulo 18. Suponho que existam maneiras de tentar dividi-los, mas você não conseguirá contar a história completa.

E é isso que constitui uma unidade de pensamento em uma narrativa do Antigo Testamento, uma história completa. Agora, os limites dessa história, onde ela começa e onde termina, serão determinados principalmente pelo enredo. E falaremos sobre isso daqui a pouco, na seção de ação.

Vamos analisar essa ação. Vamos descobrir quais histórias eles têm. Isso nos dá uma pista de onde uma história começa e termina.

Há também outros aspectos aos quais você pode prestar atenção. Você pode prestar atenção às mudanças de lugar, de tempo, de pessoas. Se surge um novo personagem, bem, isso pode ou não ser o início de uma história, mas geralmente haverá outras pistas literárias.

Gênesis 18:33 sinaliza o encerramento de uma narrativa pela mudança de lugar. Quando o Senhor terminou de falar com Abraão, ele partiu, e Abraão voltou para

casa. Não consigo dizer quantas vezes uma história termina com os personagens voltando para casa.

E pode parecer algo inocente para nós, mas é uma forma de dizer: a história acabou. Penso em 1 Samuel 15, quando Samuel, o profeta, volta para casa. A história acabou.

São pequenos detalhes assim. Às vezes você percebe mudanças temporais, sabe, depois disso, um personagem fez tal coisa. São algumas das coisas que você vai notar.

Gênesis 15.1, depois desses acontecimentos, o narrador continua com uma história diferente sobre Abraão. Portanto, esses são os tipos de detalhes aos quais você deve prestar atenção, mas o essencial é garantir que você tenha a história completa. Agora, deixe-me falar um pouco sobre a estratégia exegética que pretendo usar.

Repito, acredito que essas narrativas transmitem uma mensagem ética. Elas ensinam ao povo de Deus como viver. Elas confrontam as pessoas com a verdade sobre Deus e a diferença que isso deve fazer em suas vidas.

Então, estamos buscando a intenção do autor. O que o escritor de Samuel, de Reis ou desta narrativa no livro de Daniel pretendia transmitir? Essa ideia de significado é importante. Você pode ler mais sobre isso no meu livro, *A Arte de Pregar a Narrativa do Antigo Testamento*. Já mencionei isso brevemente na seção anterior, mas, nesse contexto de significado e intenção autoral, há muitas outras questões envolvidas.

Não vou abordar esses assuntos agora, mas uma das coisas que direi é que, quando estudamos uma narrativa, estamos estudando uma história, e ela funciona como uma história. Portanto, quando a estudamos, precisamos ... fazer ajustes na forma como as histórias funcionam. E isso pode ser muito diferente das cartas do Novo Testamento, por exemplo, onde você tem argumentos mais concisos, não sei se eu os chamaria exatamente de peças de um advogado, mas eles são mais técnicos na forma como estão interligados.

E esta cláusula está ligada àquela. Aliás, às vezes, quando estou, bem, sempre que estou pregando sobre as cartas do Novo Testamento, eu faço um esboço mecânico. Eu simplesmente organizo tudo para poder ver a relação entre as cláusulas, mas as narrativas funcionam de maneira diferente.

Lembro-me de uma vez ter visto num livro sobre o estudo da Bíblia um diagrama de uma das histórias sobre Abraão, mostrando Abraão caminhando até Siquém, e era realmente impressionante. E eu pensei: por quê? O que você não entendeu? Quer dizer, Abraão caminhou até Siquém. Sabe, como isso é confuso? É bem fácil de entender.

Portanto, o que temos que fazer é trabalhar com essas narrativas como literatura. Um estudioso do Antigo Testamento, John Sailhammer, disse que um texto é a materialização da intenção do autor. Trata-se de uma estratégia concebida para concretizar essa intenção.

Portanto, precisamos trabalhar com a metodologia utilizada pelos escritores narrativos. E, novamente, compreender que eles estão comunicando uma mensagem profética, estão transmitindo instruções. Eles estão apresentando um relato histórico, mas lembrem-se, eles estão usando a teologia ou os detalhes de uma história para comunicar a teologia.

E existe o que chamamos de ideologia. Eles têm uma agenda. Estão tentando defender um ponto de vista teológico.

O que eles não fazem é distorcer os fatos. Eles não manipulam nem distorcem detalhes para defender seu ponto de vista. Não, eles simplesmente selecionam as histórias, os relatos, os detalhes que reforçam a ideia que o Espírito de Deus os está guiando a expressar enquanto escrevem.

Sim, há muito mais que eu poderia dizer sobre isso, mas acho que basta entender que nosso processo exegético irá honrar a intenção do autor. Ele busca compreender qual mensagem teológica está sendo comunicada. Como o povo de Deus deve viver? E também sugiro que procuremos a grande ideia, a ideia central de uma narrativa ou história.

Assim como qualquer parte da Bíblia, as narrativas contêm mais de uma ideia, mas qual é a ideia central? Qual é a essência da história? E é exatamente isso que as histórias fazem ao longo da história. E é um desafio porque vivemos numa época que gosta de listas com marcadores. Pelo menos muitas das pessoas para quem prego e ensino, sejam elas cowboys em Montana ou químicos nos subúrbios ao norte de Chicago, pensam: "Me dê apenas uma lista com marcadores".

O que eu percebo é que muitos pregadores vasculham as narrativas do Antigo Testamento e querem pregar um sermão sobre cinco maneiras de lidar com a raiva ou quatro passos para um casamento saudável. E eles voltam a um relato sobre Isaque e Rebeca e extraem coisas que, francamente, eu nunca vi, porque não acho que era essa a intenção do autor. Então, quero ajudá-los a trabalhar com esta abordagem que entende que, embora tenhamos listas nas Escrituras, e vejamos o livro de Provérbios, por exemplo, seis coisas que o Senhor odeia, até mesmo sete, nós temos listas.

Mas a literatura narrativa, em sua maioria, não usa listas. E sabe de uma coisa? Os ouvintes realmente reconhecem essa característica quando perguntam: "Qual é a

moral da história?". Eu achava interessante que, alguns anos atrás, a US News and World Report era uma revista de notícias. Elas meio que desapareceram.

Mas enfim, eles contaram uma história, ou melhor, publicaram um artigo sobre como as mães que contaram a história da Cinderela para seus filhos pela primeira vez... E se você cresceu nos Estados Unidos e conhece a Disney, provavelmente já viu um filme ou leu um livro sobre a Cinderela. E a revista US News and World Report publicou um artigo dizendo que as mães que contaram essa história pela primeira vez o fizeram para transmitir uma mensagem.

A mensagem que eles estavam transmitindo era mais ou menos assim: Ei, lembrem-se, meninas, que a pior coisa imaginável seria eu, sua mãe, desaparecer e seu pai me substituir por outra mulher. Achei interessante.

Isso é um escritor secular dizendo que essa era a moral da história. Outra coisa aqui no Ocidente, na civilização ocidental, e aqui na América, sabe, alguns dos contos que se desenvolveram em torno do Natal, um deles seria Rudolph, a Rena do Nariz Vermelho. Lembro-me de assistir a esse filme quando era criança.

Sabe de uma coisa? Isso contém uma mensagem. A mensagem é que, se tivermos a oportunidade, podemos transformar um problema em uma vantagem. E embora não seja dito dessa forma, você não vai ver uma criança de nove anos saindo de um filme do Rudolph e, sabe, a mãe ou o pai perguntando: "Então, do que se tratava o filme do Rudolph, a Rena do Nariz Vermelho?". E a criança não vai responder: "Bem, se tivermos a oportunidade, podemos transformar um problema em uma vantagem".

Mas essa é a mensagem que está sendo comunicada de uma forma muito sutil. E é isso que as narrativas do Antigo Testamento fazem. Novamente, não estou afirmando que haja apenas uma ideia comunicada, mas acredito que haja uma ideia central.

E é isso que vamos procurar ao trabalharmos nessas narrativas. Muito bem, então, o que faremos em termos de processo exegético? Há alguns princípios básicos que precisamos dominar se quisermos fazer isso. E vou apresentar a vocês o processo básico.

O que eu gosto de fazer é usar o que chamamos de acrônimo, e funciona em inglês. Se você estiver assistindo a isso mais tarde e estiver em um idioma diferente do inglês, isso pode não funcionar para você. Mas existem quatro letras em inglês que fazem parte da palavra "acts", ACTS.

Então, você pode pensar nos atos de uma peça, sabe, ato um, ato dois, ato três. E cada uma dessas letras representa uma característica diferente. Então, o A representa ação ou enredo.

E fico feliz que a palavra "ato" comece com A, porque realmente acho que é aí que as narrativas do Antigo Testamento começam. A maioria dos estudiosos que realmente estudam narrativas, e alguns dos estudiosos israelenses que foram pioneiros nisso, disseram: "Ei, essas são narrativas guiadas pela trama. Então, A significa ação ou trama."

C significa personagens. O T, este é um termo altamente técnico, T significa diálogo. O que você acha? T significa diálogo porque o diálogo, a fala, é uma forma essencial pela qual as narrativas das Escrituras comunicam sua mensagem.

E, finalmente, S representa o cenário, tanto o que eu chamaria de cenário literário, quanto o cenário histórico e cultural. Então, eu os uso como categorias. Novamente, a princípio, pode parecer um pouco complicado; pode parecer, nossa, que processo mecânico.

Observo a ação, os personagens, os diálogos, o cenário. Mas, no fim das contas, tudo... Essas coisas meio que se misturam. E, conforme você lê, é realmente uma forma de ler.

Espero que não se importe com mais uma analogia esportiva. Eu cresci amando o beisebol, o esporte americano. E no beisebol, você sabe, alguém joga a bola e você a rebate.

Mas quando você começa a aprender a jogar beisebol, você aprende a rebater em um T, um T de rebatida. Então, um T de rebatida, tipo um poste, e você coloca a bola em cima dele e rebate a bola no poste. Bem, eu costumava ensinar o primeiro nível de beisebol, que se chamava T-ball. E as crianças rebatiam em um T. Mas eu descobri algo bastante fascinante.

alguns anos, quando um dos melhores rebatedores do beisebol era um cara chamado Albert Pujols, ele jogava pelo St. Louis Cardinals. E eu fui assistir a um jogo do St. Louis Cardinals, confesso, sou um grande fã do St. Louis Cardinals. Então eu fui e assisti ao jogo em que os Cardinals jogaram.

E antes do jogo, enquanto os jogadores se aqueciam, sabe o que o Albert Pujols estava fazendo? Ele estava batendo na bola usando um suporte para rebatidas, e sabe o que mais? Ele estava diminuindo a velocidade da sua rebatida. Ele estava praticando partes dela. Ele praticava, sabe, girando as mãos ao passar pelo suporte. Quer dizer, ele realmente parava e fazia isso em partes.

E ele movimentava os quadris, porque grande parte da potência não vem apenas da rebatida. Vem de impulsionar a rebatida com os quadris. E ele dividiu isso em novas etapas.

E eu pensei: isso é fascinante. Porque quando ele chega ao home plate, ele vai enfrentar uma bola rápida de 153 quilômetros por hora, e ele vai ter que fazer tudo isso acontecer. É isso que estamos tentando fazer com as narrativas do Antigo Testamento.

Vamos analisar o processo passo a passo, mas no final quero que você junte tudo novamente de forma quase intuitiva. Vamos examinar o A, o C, o T, o S, os atos de uma peça. Vamos analisar os atos de uma história.

Agora, algumas coisas para lembrar. Ao longo do nosso trabalho, usaremos alguns termos literários técnicos. Isso porque os comentários que lemos e os estudiosos que analisamos utilizam esses termos.

Mas não vamos usar essas coisas quando pregarmos, pelo menos é melhor você não usar. Porque se eu souber que você está usando, vou te procurar. Não, brincadeira.

Mas eu gostaria de fazer um alerta. Vamos evitar jargões técnicos. É claro que precisamos usar alguns termos técnicos, mas não vamos usá-los quando estivermos pregando.

Então, sim, estejam cientes disso. Também quero dizer o seguinte antes de começarmos nosso estudo: a importância da oração. Sabe, existe a tentação de pensar: " Nossa, vamos nos aprofundar e fazer todo esse trabalho", e vamos mesmo.

É preciso muita reflexão, muito trabalho exegético. Mas, se quisermos pregar com precisão e poder, precisamos permear nosso estudo do texto com oração. Um dos meus heróis é um comentarista do Novo Testamento chamado William Lane.

Um dos primeiros comentários que usei quando comecei a pregar foi o comentário dele sobre o Evangelho de Marcos. O motivo pelo qual ele é um dos meus heróis é que, no início desse comentário, ele diz: "Muitas vezes adotei a prática puritana de levar este material ao Senhor de joelhos. E eu os encorajo, enquanto estudam o texto, enquanto se preparam para pregar, a não se esquecerem de orar."

Ore pela presença e poder do Espírito. Ore pedindo a ajuda do Espírito para compreender como Deus quer que eu, assim como meus ouvintes, respondamos à narrativa. A oração não substitui o estudo cuidadoso do texto.

Mas o estudo cuidadoso do texto por si só nunca, jamais, jamais poderá substituir a prática da oração. Muito bem, dito isso, vamos começar este processo de análise dos Atos dos Apóstolos. ATOS.

A letra A é de ação, e é essa que vamos abordar no restante desta sessão. Então, A é de ação. Quando falamos de ação, estamos falando do enredo.

Acho que este também é um bom momento para dizer que, ao fazer seus estudos, estude primeiro por conta própria e só depois consulte os comentários. Não vá direto aos comentários. Você precisa refletir sobre o texto bíblico, analisá-lo, entender o que ele está fazendo, o que ele está dizendo.

E então, quando terminar, você pode ir a um comentário e ter uma boa discussão. Esse comentário será um parceiro de discussão para você, e você pode até não ler o comentário inteiro, mas terá perguntas que precisam ser respondidas. Você irá e terá uma discussão.

Então, primeiro faça seu próprio trabalho e depois você verá os comentários. Mas, afinal, o que você está procurando? Bem, quando você analisa a ação, está analisando o enredo. E o enredo, claro, é a maneira como o escritor moldou a história, a forma como a história é construída.

E sempre que leio uma história pela primeira vez, observo atentamente a estrutura da trama. As tramas nas narrativas do Antigo Testamento seguem a mesma estrutura básica. Geralmente, consistem em quatro estágios ou elementos principais no fluxo da ação.

E aqui estão elas. E esses são termos literários. Você pode ouvi-los sendo usados até mesmo em cursos de literatura moderna, mas eles ainda se encaixam no que as histórias fazem.

Acho que é porque as histórias em todas as culturas tendem a funcionar da mesma maneira, e é por isso que esses termos funcionam. O primeiro é exposição. Falaremos sobre isso daqui a pouco.

É usado de forma um pouco diferente de quando falamos de pregação expositiva ou exposição bíblica. Vamos usar um termo um pouco diferente. Mas temos a exposição, depois a crise e, por fim, a resolução.

Quero dizer, a essência de uma história é uma crise e uma resolução. Sem crise, não há história. E então essa crise é resolvida de alguma forma.

Independentemente de você ficar feliz ou triste com a resolução, a história tem um desfecho. E às vezes, nem sempre, mas às vezes, no final da história, após a conclusão ou a resolução, pode haver uma conclusão separada. Os estudiosos franceses chamam isso de desfecho.

Eu sempre brinco dizendo que precisamos usar palavras difíceis assim para justificar a cobrança de mensalidades. Brincadeira. Mas prefiro conclusão a desfecho.

Mas se você vir essa palavra, desfecho parece desfecho. Está simplesmente falando de uma conclusão. Nem todas as histórias têm isso, mas algumas têm.

É apenas uma reflexão à parte sobre como a forma como a história se resolve impacta o que acontece depois. Agora, vou dizer mais uma coisa: os intérpretes não precisam se preocupar tanto com o ponto exato onde termina a exposição e começa a crise.

Quer dizer, essas fases são um pouco fluidas. Muitas vezes, as mudanças entre os elementos da trama são quase imperceptíveis. Quando eu era criança e estava aprendendo a dirigir, tínhamos um tipo de carro que não se vê muito hoje em dia, que eram os veículos com câmbio manual.

Os veículos de hoje em dia têm transmissões automáticas. E em uma transmissão automática, nem sempre você sabe quando mudou da primeira para a segunda e para a terceira marcha. Agora, se você pisar fundo no acelerador, às vezes você consegue perceber.

Você pode ouvir ou sentir. Mas antigamente, era preciso trocar manualmente da primeira para a segunda marcha. Você pisava em um pedal chamado embreagem e, então, mudava da primeira para a segunda.

Você passaria da segunda para a terceira marcha, e eventualmente da terceira para a quarta, dependendo se estivesse dirigindo um carro com câmbio de três, quatro ou cinco marchas. Você sabia quando a mudança acontecia porque você a provocava. Eu diria que a transição da exposição para a crise e para a resolução é muito parecida com isso.

É mais como uma transmissão automática. Às vezes é imperceptível. Você não precisa se esforçar e passar meia hora pensando: "Nossa, a crise terminou no versículo 5 ou no versículo 11?". O que você está tentando observar são esses movimentos básicos.

Às vezes pode haver uma área cinzenta, mas você acabará sabendo quando estiver em crise. Você verá como ela se resolve. Essas dicas são úteis, mas não se estresse com elas .

Muito bem, vamos falar um pouco sobre cada um deles. A exposição, e eu disse que essa palavra funciona de maneira diferente de quando a usamos para descrever a pregação. Trata-se, na verdade, da informação que prepara o terreno para a história.

Alguns chamariam isso de informação de contexto, mas é um termo técnico literário. Lembre-se, eu disse há pouco que se você optar por pregar Gênesis 38:1-11, você terá dificuldades. E sabe por quê? Porque os versículos 1-11 são a exposição.

Isso apenas fornece as informações necessárias para construir a história. Então, se você se limitar a isso, boa sorte. Você terá que interpretar o texto de forma implícita, e é exatamente isso que não queremos.

Mas você terá que fazer isso para elaborar um sermão. Portanto, a exposição apresentará os personagens e a situação em questão.

Novamente, Gênesis 38, versículos 1-11, são expositivos. Alguns diriam até mesmo os versículos 1-6. Como você pode ver, mesmo aí há debate.

Não me preocupo muito com isso. Sei apenas que, no início de uma história, vou encontrar alguns detalhes que me ajudarão à medida que a trama se desenrola. Às vezes, pode ser apenas um verso.

Outras vezes, é um pouco mais longo. Novamente, cada história é diferente. Portanto, não estamos tentando encaixar uma história em nossa grade, em nossas categorias.

Estamos apenas dizendo que, normalmente, as histórias começam apresentando alguns detalhes preliminares que preparam o terreno. E então entra a crise. Alguns usarão as palavras "complicação", "conflito" ou "tensão".

Não importa a palavra que você use, existe algum tipo de crise. E pode não parecer uma crise tão grande quanto algo que você descreveria como tal. Mas existe algum tipo de problema, algum tipo de conflito.

E você precisa identificar isso. E tem mais: pode ser uma série de crises.

E talvez haja um momento decisivo. Então não é como se todas essas histórias seguissem um padrão idêntico. Mas haverá algum tipo de crise.

Então, em Gênesis 38, você começa a ler Gênesis 38. Você é apresentado a Judá, que se afasta de seus irmãos. Ele se separa deles.

E ele se casa com uma mulher cananeia. Ela engravida e dá à luz um filho. Com o tempo, eles têm três filhos.

E, nossa, as coisas ficam bem ruins. É uma verdadeira bagunça. Aí você começa a entrar em crise.

Alguns dos filhos começam a morrer. E então, antes que Judá esteja pronto para dar seu terceiro filho a Tamar, a mulher que se casou com seu primogênito, ele morre. Em seguida, o segundo filho também morre.

Judá pensava que havia um problema com Tamar. Não, o problema não era com Tamar. Era com Judá e seus filhos.

Mas enfim, você começa a entrar nessa crise. E então você tem outra crise quando Tamar percebe que ele não vai me dar o terceiro filho. E ela estava desesperada porque, na cultura dela, era preciso ter um filho homem para ter acesso à herança da família.

Sei que isso parece estranho para quem vive em uma cultura ocidental . Para quem vive em uma cultura oriental, não é tão incomum. Mas há outra crise.

Então, o que ela faz? Ela resolve o problema explorando a própria incapacidade do sogro de controlar seus impulsos sexuais. E se veste de prostituta de templo. Ela o seduz.

E ele dorme com ela. E ela engravida. Isso cria outra crise.

E Judá disse: " Ele é o responsável por ela. Ele é o sogro dela. Tragam-na para fora e deixem-na ser queimada."

Então, de qualquer forma, você tem essas crises em uma história, não importa qual narrativa esteja analisando. O objetivo é identificar qual é a crise, ou qual é a série de crises nessa história? E, eventualmente, a história transita da crise para a resolução. Na resolução, a trama desce rapidamente do clímax para a solução do conflito original.

E em Gênesis 38, a resolução é que, enquanto ela era levada para ser queimada, ela apresentou o que eu chamo de carteira de motorista e cartão de crédito que Judá havia deixado para trás. Ele deveria ter feito um pagamento. Ele deveria ter lhe dado um cabrito do rebanho.

E ele não tinha isso. Então ele disse: "Aqui, pegue meu selo e meu cetro. O selo teria mais ou menos o tamanho do seu polegar."

Era algo que tinha marcas. Você o enrolava em argila. E nele ficava sua identificação, algo parecido com a tarja magnética do seu cartão de crédito.

Tinha todas essas informações. E então ele lhe deu seu cajado , que tinha suas marcas. Basicamente, ele disse: "Aqui, fique com minha carteira de motorista e um cartão de crédito importante como garantia."

E então ela é levada para ser queimada por cometer imoralidade sexual, infidelidade à família de Judá. Ela diz: "Vejam. Estou grávida do homem que me deu isto."

E a história se resolve. E é uma história maluca. É uma história bizarra.

Esse é o clímax da história. E a tensão se dissipa. A história se resolve quando Judá a declara mais justa do que ele.

Justa no sentido de que ela foi mais fiel aos padrões de sua cultura ao tentar ter um herdeiro por meio de um casamento com um leproso do que Judá foi aos padrões de sua cultura, uma cultura que deveria ser moldada pela devoção ao Deus verdadeiro e vivo. Portanto, estamos sempre buscando a resolução da história. Agora, algo a se ter em mente é que a resolução pode ser um final feliz ou um final triste.

Chamamos a resolução de final feliz, ou, no caso de estudiosos da literatura, de comédia. Não se trata de comédia como a de Stephen Colbert, ou, se voltarmos ainda mais no tempo, a de Jay Leno ou Johnny Carson. Não é esse tipo de comédia.

Uma estrutura cômica, que alguns chamam de enredo em forma de U, porque começa na prosperidade. Desce para a tragédia, mas depois retorna à prosperidade com um final feliz. É por isso que alguns a chamam de enredo em forma de U, comumente denominado comédia.

Novamente, não use um termo técnico como esse quando estiver pregando, especialmente porque se você disser: "Esta história é uma comédia", as pessoas vão pensar: "Ah, ótimo, sabe, uma história engraçada". Mal podem esperar para ver toda a graça. E não é isso que significa comédia.

Embora haja humor em algumas dessas histórias, isso não define uma comédia. Mas esse é um tipo de história. Pense em alguns exemplos clássicos.

O livro de Ester é uma comédia. O livro de Rute é uma comédia. A história de Davi e Golias é uma comédia, não porque seja engraçada, mas porque começa em prosperidade, depois Golias aparece, as coisas ficam feias, mas Davi é quem mata o gigante, e assim a prosperidade retorna.

Então você tem comédias. Você também tem tragédias. Esse é um final triste.

E há muitas histórias trágicas. Nossa, o livro de Juízes é uma grande tragédia, e todas aquelas histórias são trágicas. A maioria delas é trágica, embora haja alguns momentos de esperança.

Mas pense na história de Sansão. É uma tragédia clássica. Há uma resolução para a história, não é? Mas é uma tragédia.

E quanto ao Rei Saul? E quanto a 1 Samuel 15? Há uma tragédia. Portanto, é importante prestar atenção em como a história se resolve. Novamente, pode haver uma série de crises e também uma série de resoluções.

Mas, no geral, você pode resumir tudo isso. E, por fim, essas histórias às vezes terminam em uma conclusão, ou, como se diz em francês, um desfecho, que se refere ao amarramento de pontas soltas. Geralmente, resume o resultado da história ou o destino do personagem principal depois que a trama já foi resolvida.

Então, voltando a Gênesis 38, acho possível que os versículos 27 a 30 levem a uma conclusão diferente, pois apresentam uma pequena genealogia e revelam quem são os descendentes. Esses descendentes são muito importantes, pois deles virá o Rei Davi e, eventualmente, o Messias, o próprio Jesus.

Você vê os nomes em Gênesis 38. Você os vê na genealogia de Jesus em Mateus capítulo 1. Então, em Juízes 7, 17 e 18, por exemplo, eu acho que o versículo final dessa narrativa é a conclusão da narrativa. Quero dizer, a narrativa já foi resolvida, a tensão foi resolvida, mas resume o resultado da ocupação do novo território pelos danitas.

E o escritor nos conta que eles continuaram usando o ídolo que Miquéias havia feito durante todo o tempo em que a casa de Deus esteve em Siló, e isso acaba sendo trágico. Falaremos mais sobre isso antes de encerrarmos nossas sessões. Acho que o final do livro de Ester, do capítulo 9, versículo 20, até o capítulo 10, versículo 3, é uma conclusão, porque informa ao leitor que Mordecai e a rainha Ester instituíram a Festa de Purim e que Mordecai ascendeu a uma posição de grandeza no governo persa.

Tudo isso acontece depois que a história é resolvida. Então, esses são os quatro aspectos que estamos analisando: exposição, crise, resolução e, em alguns casos, uma conclusão separada no final.

Agora, existem outros detalhes que se encaixam na trama de uma história, e vou mencioná-los brevemente. Novamente, você pode se aprofundar mais neles. Um desses detalhes é o que chamamos de arquétipos ou temas recorrentes na trama, e isso se refere ao fato de que algumas histórias simplesmente funcionam juntas.

Elas têm o mesmo tipo de estrutura. Aliás, eu já falei sobre comédia e tragédia. Esses seriam os temas ou elementos centrais da trama.

Às vezes, você encontrará o que chamamos de história de herói, uma narrativa heroica, na qual um herói luta para alcançar um objetivo e enfrenta muitos obstáculos antes de chegar lá. Davi é um exemplo clássico. Quero dizer, todos aqueles anos no deserto, 10 anos no deserto, vagando antes de ser ungido rei, e às vezes você terá uma jornada onde os personagens encontram perigos e experimentam crescimento.

Penso em Jacó a caminho de volta da terra de Canaã, de volta ao seu lugar ancestral. Lembre-se, ele está tentando escapar de Esaú, e é uma jornada e tanto. Algumas coisas significativas aconteceram com ele.

Existem histórias de tentação. Alguém é vítima de um tentador ou tentadora maligna, e assim temos a história de Eva em Gênesis 3. Temos Sansão e Dalila. Temos histórias de resgate.

Você pensa em Ester e Eliseu em Dotã. Novamente, você pode entrar em mais detalhes. Eu falo sobre isso no meu livro.

Mesmo ao ler comentários, eles podem alertá-lo para o fato de que, por exemplo, a história que você vai pregar é uma narrativa heroica. O objetivo disso é permitir que você veja como ela funciona como outras histórias, mas às vezes pode haver uma diferença, e essa diferença pode ser significativa. Portanto, é algo útil de se observar.

Depois, há algo chamado cenas-tipo, onde às vezes essas histórias se passam em um poço, ou pode haver uma mãe estéril. Isso aparece com frequência. Até mesmo o tema ou o motivo do mais velho sobre o mais novo, nossa, isso acontece o tempo todo no livro de Gênesis.

À medida que a linha divisória se estreita, essa linha por onde Deus trará bênçãos à Terra se inverte. Normalmente, a linha passaria pelo irmão mais velho, mas frequentemente é pelo mais novo. As coisas se invertem.

Então, vale a pena prestar atenção nisso também. Outra coisa a que se deve prestar atenção é a repetição. Lembro-me de quando fiz redação avançada no meu penúltimo ano do ensino médio, minha querida professora, Sra. Blair, era uma boa professora, mas ela sempre escrevia aquelas letras terríveis em tinta vermelha na minha prova: R e R. Sabe o que isso significava? Não significava, ah, descanse e relaxe porque você fez um ótimo trabalho.

Significava repetitivo e redundante, o que, só anos depois, descobri que era realmente repetitivo e redundante. Tenho que usar as duas palavras, mas essa é outra história. Quer dizer, a preferência dela era que você dissesse bem, e uma vez, e se tivesse que dizer de novo, bem, aí era melhor usar um termo diferente.

Então, em inglês, pelo menos foi o que meus professores me ensinaram, repetição era um pecado. Mas adivinhem? Nas narrativas do Antigo Testamento, a repetição é uma virtude. É uma técnica usada por escritores que alcança o mesmo resultado que hoje conseguimos usando uma fonte maior, negrito ou itálico.

Portanto, a análise da trama significa que precisamos prestar atenção à repetição. E isso geralmente ocorre, às vezes, com uma única palavra que se repete em uma história. Penso no livro de Rute e até mesmo em 2 Samuel 9, na história de Mefibosete, onde a repetição da palavra hebraica "hesed", que significa amor leal, é significativa.

Às vezes pode ser uma frase, mas sim, esse tipo de repetição é importante. Sim, muitas vezes é, muitas vezes é uma palavra-chave. Às vezes é como Davi e seu luto pela morte do filho de Absalão.

Ele fica repetindo "meu filho, meu filho, meu filho". Então, sempre precisamos prestar atenção nisso. Outro aspecto importante ao analisarmos o enredo ou a ação é o tempo e o ritmo.

É aqui que os estudiosos da literatura diferenciam entre tempo narrado, que é o tempo real, e tempo de narração, que é o tempo necessário para contar a história. Agora, se você me assaltasse e me dissesse qual a diferença entre tempo narrado e tempo de narração, eu sempre confundiria os dois termos, mas o conceito é realmente crucial. Então, quanto tempo leva para uma história se desenrolar? Sabe, o interessante em Gênesis 38 é que os primeiros 11 versículos se passam ao longo de quase 20 anos.

E então o resto da narrativa se desenrola ao longo de alguns meses, e você chega à cena final, e tudo acontece em cerca de uma hora. É esse tipo de coisa que você analisa. E aí, o tempo necessário para contar a história, sabe, pode estar sujeito a lacunas ou atrasos, e você está apenas observando a diferença.

Às vezes, essa relação entre os dois períodos é realmente fascinante. Você pode ter um pequeno espaço dedicado a 20 anos, mas depois encontra um espaço maior dedicado a um período de tempo muito menor. Por que isso é importante? Bem, isso indica onde o autor coloca a ênfase.

Aliás, às vezes é assim que você consegue descobrir onde a exposição tende a terminar e onde a crise começa, porque você tem esse grande período de anos resumido nesse espaço. E uma vez feito isso, você passa para uma única cena e pensa: "Ok, agora sim, estamos realmente no cerne da história". Então, esse também pode ser um detalhe muito útil.

O ponto de vista é outro aspecto que queremos analisar . Não vou me aprofundar muito nisso. Você pode pesquisar mais sobre o assunto, mas, como você sabe, a maioria das narrativas adota um ponto de vista em terceira pessoa.

Mas às vezes você se depara com Neemias. Neemias está narrando em primeira pessoa. Há também algumas palavras, como "eis que", que você conhece; quando estão na fala do personagem, elas ajudam você a ver as coisas pelos olhos dele.

Então, estamos sempre atentos a isso. Sim, estamos analisando diferentes pontos de vista. Mas acho que o mais importante, sabe, entre as questões que discutimos, talvez outra que eu consideraria seja a ironia.

A ironia ocorre quando há uma discrepância entre o que é dito e o que acontece. Os estudiosos diferenciam entre ironia verbal e ironia dramática. A ironia verbal refere-se a declarações em que um personagem diz uma coisa, mas pretende o oposto.

Então, você sabe, Michaela, por exemplo, em seu discurso para Davi, depois que ele voltou do desfile, quando a Arca da Aliança foi trazida para Jerusalém, e suas palavras em 2 Samuel 6:20, aquele versículo diz: "E Davi voltou para abençoar a sua casa. Mas Michaela, a filha de Saul, saiu ao encontro de Davi e disse: 'Como o rei de Israel se honrou hoje, descobrindo-se diante dos olhos de suas servas, como um dos homens vulgares se descobre descaradamente.' Então, você acha que ela está dizendo: 'Nossa, você realmente se honrou hoje?' Não, ela está sendo sarcástica, não é? Ela está usando ironia."

Ela diz: "Sim, você se honrou hoje, assim como uma pessoa vulgar faria ao se despir ." Ela quer dizer que Davi não se honrou. A ironia dramática ocorre, no entanto, quando um personagem diz uma coisa, mas não percebe o que o ouvinte sabe ser verdade.

Então, em Juízes 4, versículo 20, Jael, e você teria que acompanhar essa história, talvez para entender completamente a intenção, mas o general inimigo se refugia em sua tenda, e só para você saber o que vai acontecer, ela está prestes a matá-lo com alguns utensílios domésticos, com uma estaca de tenda e um martelo. E sim, eu sei, essa não é uma história que ensinamos às crianças na escola dominical, não é? Mas ela está libertando Israel, e a questão é que ela não está usando armas de guerra, está usando utensílios domésticos. É como se ela fosse matar o general inimigo com um rolo de massa e um aspirador de pó, ou algo assim.

Mas antes que ela faça isso, ele busca refúgio na tenda dela e diz: "Fique na porta da tenda. Se alguém passar e perguntar: 'Tem alguém aí?', diga 'Não'." E mal ele imagina que essa resposta será mais verdadeira do que ele pensa, porque não haverá ninguém quando ela terminar com ele, ele vai morrer.

Então, esses são os tipos de coisas que estamos analisando. Existem algumas outras características literárias, mas elas são um pouco mais detalhadas, um pouco mais técnicas. Então, vou parar por aqui e apenas encorajá-los, ao começarem a estudar as narrativas do Antigo Testamento, a começarem pela ação, começarem pelo enredo.

Como a história se desenrola? E você tem elementos na trama, como repetição, palavras repetidas? Há declarações irônicas? Há cenas que seguem um padrão? Todos esses elementos ajudarão você a entender o que está acontecendo. Então, A significa ação. Esse é um ótimo ponto de partida, e continuaremos nosso estudo sobre como pregar a narrativa do Antigo Testamento.

Na próxima vez, começaremos a analisar os personagens e também a conversar sobre o que eles dizem.

Este é o Dr. Stephen D. Mathewson em sua série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a terceira sessão, uma visão geral do processo exegético, ACTS, analisando os Atos ou a Trama.